



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

JUCYELI PEREIRA CASTRO

**ATIVIDADES AGROECOLÓGICAS DESENVOLVIDAS PELAS MULHERES DO
SÍTIO FLORIANO EM LAGOA SECA**

CAMPINA GRANDE – PB

NOVEMBRO DE 2011

JUCYELI PEREIRA CASTRO

**AS ATIVIDADES AGROECOLÓGICAS DESENVOLVIDAS PELAS MULHERES
DO SÍTIO FLORIANO EM LAGOA SECA-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Graduada em Geografia.

Orientador (a): Hélio de Oliveira Nascimento

CAMPINA GRANDE – PB,

NOVEMBRO DE 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

C355a Castro, Jucyeli Pereira.
Atividades Agroecológicas Desenvolvidas Pelas Mulheres do Sítio Floriano em Lagoa Seca – PB. [manuscrito]: /Jucyeli Pereira Castro. – 2011.
50 f. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.
“Orientação: Prof. Me. Hélio de Oliveira Nascimento, Departamento de Geografia”.

1. Agricultura Familiar 2. Gênero 3. Valorização 4. Sustentabilidade Ecológica I. Título.

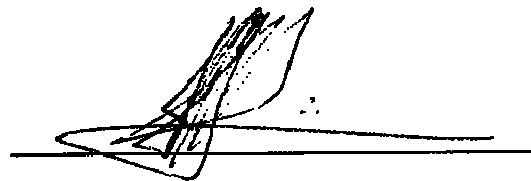
21. ed. CDD 635

JUCYELI PEREIRA CASTRO

**AS ATIVIDADES AGROECOLÓGICAS DESENVOLVIDAS PELAS MULHERES
DO SÍTIO FLORIANO EM LAGOA SECA-PB**

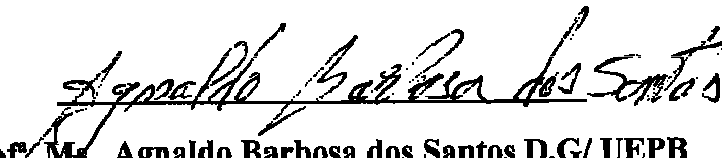
Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Licenciatura em Geografia, sob a orientação do Prof. Ms. Hélio de Oliveira Nascimento.

Aprovada em / /2011



Prof. Ms. Hélio de Oliveira Nascimento D.G/UEPB

Orientador



Prof. Ms. Agnaldo Barbosa dos Santos D.G/UEPB

Examinador



Prof. Ms. Maria das Graças Ouriques D.G/UEPB

Examinador

Aos meus pais e irmãos, e a todos aqueles que permaneceram a meu lado ao longo da minha trajetória, com atos de generosidade, coragem, determinação e que, não mediram esforços para a realização deste de sonho. Dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, que me concedeu toda sabedoria e me proporcionou a conclusão desse Curso, realização de um sonho concretizado;

Aos meus pais, **Angelina Pereira Castro** e **José de Souza Castro** e as minhas **irmãs** que, sempre me incentivaram e não me desampararam nos meus momentos de fraquezas, dando-me forças para continuar a minha trajetória acadêmica;

Ao meu ilustre, eterno amigo, Orientador e **Mestre Hélio de Oliveira Nascimento** que, sempre me encorajou diante das dificuldades, motivando-me sempre;

A todos os **Professores** que fizeram parte da minha formação acadêmica, por todas as aprendizagens construídas e compartilhadas;

Agradeço aquelas que contribuíram de maneira significativa para a elaboração desse trabalho, minha eterna gratidão às **agricultoras** e, em especial a **Marlene**, Coordenadora do Grupo de Comissão das Mulheres;

E por fim, aqueles que jamais serão esquecidos em minha memória, aos meus **amigos** de turma, o meu carinho e a minha gratidão.

“A principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica - um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz, e ao mesmo tempo, cria espaço”.

Milton Santos

CASTRO, Jucyeli Pereira. Atividades Agroecológicas desenvolvidas pelas mulheres do Sítio Floriano em Lagoa Seca

RESUMO

A construção política da visibilidade do trabalho e dos direitos das mulheres vem sendo revelados através de lutas engajadas nas práticas da agricultura familiar, mostrando processos de reconhecimento e valorização coletiva que, geram mudanças no quadro de desigualdades. O fortalecimento do diálogo entre associações, organizações e movimentos sociais vem contribuindo para o desenvolvimento pessoal e coletivo de mulheres camponesas. Desta forma, a proposta de fortalecimento de gênero tem propiciado uma nova conjuntura socioespacial na agricultura familiar. Diante do exposto, o presente estudo se propõe a evidenciar as experiências vividas por mulheres da comunidade do Sítio Floriano localizado na Zona Rural do município de Lagoa Seca – PB, a fim de, relatar os motivos pelos quais as mulheres participam das atividades apresentadas. O estudo foi executado a partir de uma pesquisa com as agricultoras ecológicas do referido Sítio com observações “in loco”, registro fotográfico e a realização de questionários e entrevistas, bem como a leitura referendada na obra de diversos autores, condição indispensável para a construção de toda base científica deste trabalho. As mulheres trabalham com práticas de aproveitamento de terras, onde elas utilizam o espaço que fica aos “arredores de casa”. Neste espaço existe a criação de aves, caprinos, suínos, bem como o cultivo de hortaliças, frutíferas, leguminosas e plantas medicinais, que são cultivados na forma de canteiros econômicos agroecológicos, constituindo-se como práticas baseadas na sustentabilidade ecológica. Foi a partir do ano de 1992 que teve início o trabalho desenvolvido com as agricultoras, mostrando processos satisfatórios de reconhecimento na condição das mesmas, surgindo um grupo de mulheres com o objetivo de fortalecimento de gênero, na busca relativa à identidade e valorização dos seus diversos papéis, à autonomia econômica no âmbito das relações familiares, a equidade no acesso aos recursos produtivos e, a redução da opressão patriarcal vivida por elas. A pesquisa constatou que as mulheres sentiram-se mais valorizadas a partir da sistematização das práticas agrícolas, uma vez que, as mesmas conseguiram conquistar um espaço no âmbito socioeconômico, obtendo maior visibilidade do seu trabalho em termos de reconhecimento, fortalecimento e acesso a autonomia econômica.

Palavras-Chave: Agricultura familiar. Gênero. Valorização. Sustentabilidade Ecológica.

CASTRO, Jucyeli Pereira. Activities undertaken by women agroecological Site Floriano in Lagoa Seca

ABSTRACT

The political construction of visibility of the work and the women's rights have been relieved through fights engaged in the practice of family agriculture, showing processes of collective recognition and appreciation that generate changes in the context of inequalities. The strengthening of the dialogue between associations, organizations and social movements have contributed to the personal and collective development of rural women. Thus the proposal to strengthen the genre has offered a new solution in the socio-space family agriculture. Given the above, this study aims to show the experiences of the women's community site Floriano located in rural pond in Lagoa Seca city – Pb, lived in order to report the reasons because women participated in the activities presented. The study was performed from an ecological survey of the farmers of the site with comments Floriano "in situ", photographic and conducting questionnaires and interviews, as well as reading endorsed the work of many authors constituting an indispensable condition for building scientific basis of all this work. The women working with land use practices, where they use space that is the "around the house". In this space there is poultry, goats and pigs and growing vegetables, fruits, vegetables and medicinal plants that are ecological sustainability. . It was from the year 1992 which began the work with the farmers who show satisfactory process of recognition in the condition of farmers, then come a group of women with the aim of strengthening the genre in the search on the identify and use their various roles, economic autonomy within the framework of families relations, the quiddity of access to productive resources and the reduction of patriarchal oppression experienced by these women. The survey found that women felt more valued based on the systematization of agricultural practices, since women were able to gain a place in socioeconomic background getting greater visibility of their work in terms of recognition, strengthening economic autonomy.

Key-Words: Family agriculture, gender, appreciation and ecological sustainability.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURA 01- Canteiro econômico produzido por agricultora ecológica.....	37
FIGURA 02- Criação de Galinhas em telas.....	37
FIGURA 03- Intercâmbio no Sítio Amaragi.....	38
FIGURA 04- Reunião no sindicato com a Comissão de Mulheres.....	39
FIGURA 05- Seminário sobre a valorização da mulher no campo.....	40

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Principais diferenças entre agricultura sustentável e a convencional.....27

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01- Mapa da localização do município de Lagoa Seca em relação ao Estado da Paraíba, 2011.....	18
FIGURA 02- Mapa das Bacias Hidrográficas do município de Lagoa Seca.....	20
FIGURA 03- Circunscrição do limite administrativo, estradas e espaços urbanizados do município de Lagoa Seca, PB.....	35

LISTA DE SIGLAS

AS-PTA	Acessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa
EJA	Educação de Jovens e Adultos
MDS	Movimento do Desenvolvimento
PSF	Programa de Saúde da Família
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1- FORMAÇÃO ESPACIAL DO MUNICÍPIO DE LAGOA SECA	15
1.1- Aspectos Históricos do Município	
1.2- Aspectos Geográficos do Município	18
1.3- Aspectos Socioeconômicos do Município	21
2- AGRICULTURA ECOLÓGICA	23
2.1- Agriculturas Convencionais e os Desafios da Agricultura Ecológica.....	23
2.2- Gênero e Sustentabilidade no Mundo Rural	29
3- A ATUAÇÃO DAS MULHERES NA AGRICULTURA ECOLÓGICA DO SÍTIO FLORIANO	35
3.1- Processos Históricos e Geográficos do Sítio Floriano	35
3.2- A Atuação das Mulheres na Agricultura Ecológica do Sítio Floriano.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar a valorização das mulheres camponesas através de lutas ecológicas no sítio Floriano do município de Lagoa Seca. Elas trabalham com o aproveitamento de terras, utilizando o espaço que fica aos “arredores de casa”, bem como a criação de animais. A proposta ora analisada é realizada por mulheres camponesas em pequenas propriedades. A produção de hortifrutigranjeiros é uma das principais atividades produtivas da micro-região, a qual possui características naturais básicas, solos de boa qualidade e índices pluviométricos médios elevados, o que favorece a prática da agricultura. Historicamente, nesta micro-região constitui-se uma policultura com base na agricultura familiar.

Diante do debate a respeito da construção política da visibilidade do trabalho e, pelo reconhecimento das mesmas no meio rural, surgiu à iniciativa e a inquietação em caracterizar um olhar geográfico sobre o pertinente tema. Priorizamos o conhecimento das atividades desenvolvidas pelas agricultoras ecológicas do Sítio Floriano, valorizando o trabalho das mesmas em todos os aspectos, a exemplo da capacidade de trabalhar com o espaço em torno da casa, denominado por elas de “arredores de casa” ou aproveitamento de terras. Além das experiências vividas pelas mesmas, a exemplo da observação da propriedade “in loco” através dos intercâmbios, os canteiros econômicos de hortaliças, as plantas medicinais, a criação de animais em tela como aves, suínos e caprinos, e o fundo rotativo, o qual iniciou com cinco ovelhas distribuídas no Sítio Floriano, e hoje existem cerca de 30 ovelhas dispersas pelas propriedades das mulheres.

Para um maior entendimento de todo o processo que permeia a questão de gênero e a sustentabilidade no meio rural, teve-se como primeiro momento as seleções das bibliografias que nos proporcionaram um suporte de conhecimento de todo processo estudado. Utilização de mapas referentes à região e o espaço pesquisado, observações “in loco”, registro fotográfico e a realização de questionários e entrevistas com as agricultoras, foram elementos imprescindíveis para execução deste trabalho, uma vez que, as informações coletadas se fizeram como base principal para a elaboração do mesmo.

Em relação à organização do texto, o presente estudo se fez em três partes. Na primeira parte, buscou-se fazer um levantamento histórico e uma descrição sobre os diversos aspectos históricos, econômicos e sócio-culturais do município de Lagoa Seca-PB.

Na segunda parte, mencionou-se de forma mais aprofundada, todo o debate concernente a definição de gênero e a sua sustentabilidade no meio rural, introduzindo a mulher na agricultura ecológica e o papel atribuído a ela na sociedade. Por fim, na terceira parte, são

apresentados os resultados da pesquisa de campo no Sítio Floriano, a área específica que fora utilizada para realização deste trabalho monográfico.

Ao término deste estudo, obtivemos constatação de que a sistematização das atividades desenvolvidas pelas agricultoras ecológicas com os “arredores de casa” tem proporcionado uma ferramenta de transformação social no campo, dando-lhes condições de obterem a valorização e o reconhecimento do seu trabalho na construção de referenciais locais para a organização política e produtiva. Esperamos contribuir para os estudos que estão sendo desenvolvidos a respeito da mulher e o desenvolvimento agroecológico, consolidando cada vez mais o papel importante da mesma para com a sociedade.

1- FORMAÇÃO ESPACIAL DO MUNICÍPIO DE LAGOA SECA

1.1- Aspectos Históricos do Município

Assim como em vários municípios da Paraíba, Lagoa Seca teve a sua origem marcada pela presença indígena, uma vez que, as terras pertenciam ao aldeamento dos Índios Bultrins. Segundo estudiosos, Bultrin era um lugar onde foram aldeados índios cariris, trazidos pelos jesuítas da missão catequizadora do Pilar em Itaipu, para a Serra da Borborema. Do sítio cujo nome era Bultrin, originou-se o grupo indígena com denominação de Bultrins, o qual pertencia à nação Cariri. Após a expulsão dos jesuítas no Brasil, por volta de 1670, os Bultrins (Cariris), retornaram para Itaipu, as suas terras passaram a ser propriedade do Estado e, logo famílias tomaram posse das terras. Para legalizar a posse destas, o Estado as vendeu e também as doou a pessoas que, estavam interessadas em povoar o território e desenvolver atividades econômicas relacionadas à agricultura e a pecuária. As terras que pertenciam aos Índios Bultrins, seriam mais tarde o município de Lagoa Seca.

As terras que pertenciam aos índios Bultrins, que mais tarde seriam a cidade de Lagoa Seca, estão inseridas numa região denominada de Brejo Paraibano, onde o solo é favorecido por uma grande fonte de água doce que contribuiu para as origens do nome da cidade (SANTOS 2007, p. 26)

Segundo o Programa de Educação de Jovens e Adultos – EJA, o início de sua povoação se deu em outubro de 1929, seu fundador o marchante Cícero Faustino da Silva, adquiriu 4,5 hectares de terra às margens da estrada, atual BR 104, com o objetivo de comercializar carne, acabou conseguindo seguidores, pois a estrada era ponto de acesso aos moradores e tropeiros que se dirigiam a cidade de Campina Grande. Esta, na época, já se destacava comercialmente, o que favorecia a cidade de Lagoa Seca, a qual ficava em apenas 6 km de distância da sede de Campina Grande, fator este que contribuiu significativamente para o crescimento populacional do município. Outro ponto que influenciou o desenvolvimento de Lagoa Seca foi a comercialização do algodão. Neste sentido, como já foi salientado, destaca-se Campina Grande, favorecida pelo caráter da estrutura agrária do Agreste (SANTOS 2007, p. 29).

O município de Lagoa Seca já teve várias outras denominações como Lama da Gata, Floresta dos Leões, Tarimba e Ipuarana. De acordo com a população mais antiga, a rua principal na época era próxima a uma lagoa que não conseguia acumular um potencial hídrico, apenas acumulava uma quantidade de lama. Certo dia foi encontrado um animal em óbito, na verdade uma gata morta na lama, ficando a localidade conhecida como Lama da Gata. Já a denominação de Mata dos Leões, surgiu devido às grandes matas localizadas na cidade. O termo Tarimba, que teve origem da tarimba de vender carne, foi o nome de maior repercussão entre os moradores do povoado.

A nomenclatura de Lagoa Seca tem origem derivada também de uma lagoa, embora chovesse na região, a lagoa não conseguia sustentar um potencial hídrico como já foi mencionado, sempre quando a água evaporava o que restava era a lama. Quando os tropeiros passavam no local, sempre se referiram ao local como lagoa seca, e logo a população mais antiga, adaptou-se com o nome da cidade. O território onde hoje está localizado o município, já pertenceu à Campina Grande. Conforme SANTOS (2007, p. 36):

Cinco anos após a construção da Tarimba, em 31 de julho de 1934 pelo interventor Gratuliano de Brito, Lagoa Seca recebeu o título de Distrito de Paz pelo decreto nº 531; segundo Câmara: [...] Lagoa Seca (de Campina Grande) e Mãe D'água (Teixeira) em 1934 [...] Em 02 de março de 1938 pelo então interventor Argemiro de Figueiredo, Lagoa Seca ascende a Vila por força do decreto Lei Federal n 311 [...] “os distritos de Paz (Pocinhos, Puxinanã, Lagoa Seca, Maçaranduba, Galante, Fagundes, Queimadas e Conceição) foram elevadas a categoria de Vilas”.

A última nomenclatura atribuída a Lagoa Seca foi Ipuarana, de origem indígena, em 15 de novembro de 1938, o interventor Argemiro de Figueiredo eleva a categoria de vila, havendo uma modificação de nome para Vila Ipuarana. Mas, essa nova nomenclatura não foi bem aceita pela população, uma vez que, a população não se adaptou com o nome Ipuarana, e dessa forma, o município voltou ao seu nome original, Lagoa Seca. A cidade logo passou a se desenvolver economicamente através do comércio, começaram a surgir às primeiras bodegas, farmácias, lojas de tecidos, pousadas e vários outros pontos comerciais, elevando-a ao desenvolvimento promissor.

Através do processo de emancipação, houve uma separação política de Lagoa Seca com Campina Grande, porém, economicamente pode-se verificar que estes laços de dependência não foram rompidos definitivamente. A proximidade com Campina Grande

possibilitou uma contribuição para o desenvolvimento econômico da cidade através do comércio, onde apareceram as primeiras lojas. De acordo com Silva (2007), no ano de 1960, Lagoa Seca recebe a BR 104, que corta o município até os dias atuais, sendo considerado como mais um fator positivo para o desenvolvimento do local. Em 04/01/1964, através da lei nº 3133, Lagoa Seca é elevada a categoria de município, apresentando a primeira eleição para prefeito, o qual foi eleito o senhor Francisco Camilo.

De acordo com a Secretaria Municipal de Educação, o município de Lagoa Seca possui 33 unidades escolares, sendo que apenas 03 delas estão situadas na sede municipal, 30 estão distribuídas pela zona rural, possuem ainda 03 escolas estaduais e seis escolas particulares, todas localizadas na zona urbana. Em suma, a população de Lagoa Seca conta com uma rede de serviços educacionais disponíveis e acessíveis. Com relação ao espaço turístico, o município de Lagoa Seca disponibiliza de vários espaços como: o Convento Seráfico Santo Antônio, o Colégio Marista, a Pousada Magia do Verde, a trilha ecológica do Sítio Arqueológico Furna, localizada no Sítio do Amaragi, e ainda, casas de show como a Vila Forró e Vale do Jatobá.

Lagoa Seca abriga duas comunidades religiosas, os Franciscanos e os Maristas, que chegaram em meados do século XX. Um dos frades que mais se destacaram foi Frei Pedro e Frei Manfredo, este último deu nome a uma das escolas da cidade. Ao chegarem, iniciaram a construção de um convento que superou as expectativas dos franciscanos, visto que passou a receber não apenas alunos do município, mas também de outras cidades da Paraíba e até mesmo de outros estados. Os jovens que procuravam o seminário nem sempre pretendiam a vida religiosa, mas, sobretudo, assegurar as condições necessárias para o estudo. O Colégio Seráfico de Santo Antônio, conhecido como Convento Ipuarana, contribuiu tanto para o arraigamento da fé dos moradores locais, como também para o desenvolvimento local.

Segundo Santos (2007), a história da formação e desenvolvimento da cidade também está marcada por fortes características religiosas, fator este influenciado pela presença das ordens missionárias Franciscanas e Maristas. Uma dessas ordens religiosas, os irmãos Maristas doaram um terreno à prefeitura de Lagoa Seca para a construção de equipamentos públicos, dentre outros, uma quadra de esportes. No entanto, o terreno foi loteado, transformando-se num bairro popular, conhecido atualmente como Monte Alegre.

Outra grande influência religiosa é o monumento da Virgem dos pobres, localizado em uma gruta no início da cidade, sendo um dos pontos turísticos mais visitados do município para adoração. O fato é que a religiosidade influenciou a população local contribuindo para formação de seus hábitos religiosos. Além disso, a influência da Igreja

O município apresenta um relevo totalmente situado no Planalto da Borborema, de característica convexa, demonstra obstáculos para expansão urbana, pois é constituída por superfícies planas e ondulada com a predominância de grandes declives, ou seja, de difícil acesso, e neste caso a geologia do município funciona como um forte condicionante do seu desenvolvimento urbano, uma vez que, determina as áreas que possuem estabilidade suficiente para suportar construções e as que são geologicamente instáveis e sujeitas a erosões e deslizamentos.

A irregularidade do relevo, além de limitar a expansão urbana, tem dificultado o manuseio agrícola dessas terras, conduzindo o uso irracional das mesmas através da exploração de áreas impróprias, acarretando como consequência a degradação da cobertura vegetal e o processo erosivo do solo. Observa-se no município em estudo, que nas regiões de cotas mais baixas desenvolveu-se maior ocupação do território, seja com urbanização, seja com agricultura. De acordo com Silva:

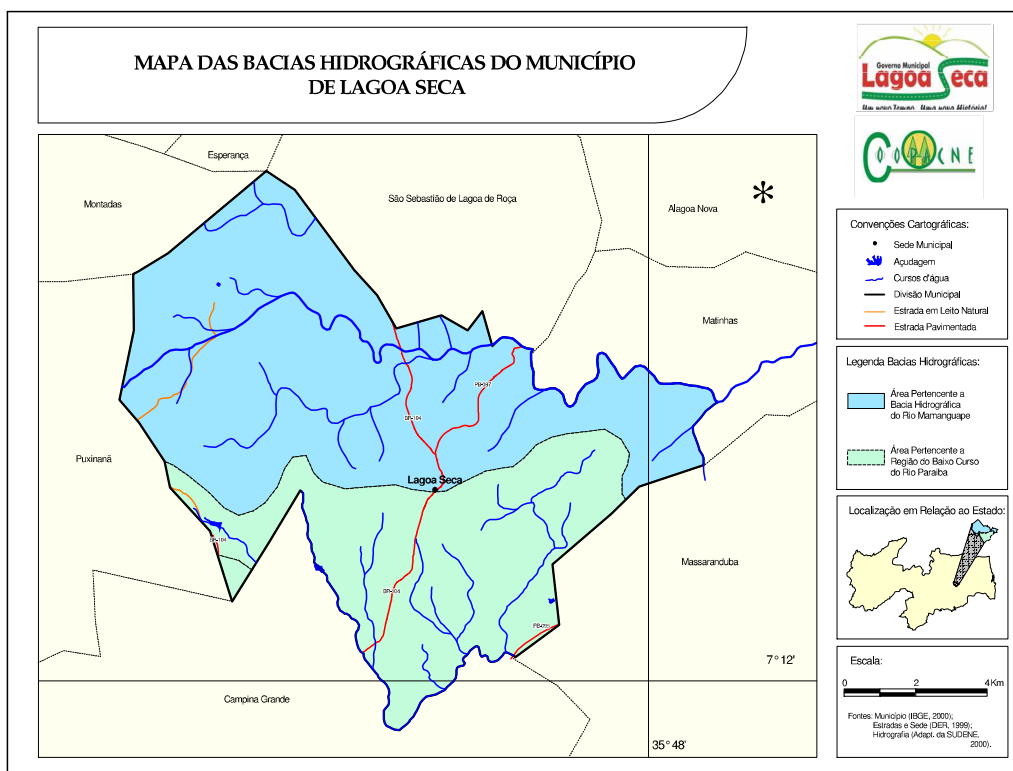
Essa cobertura florestal também original de Lagoa Seca foi submetida a um acentuado processo de devastação pelo o ser humano ao longo de sua história, dando lugar para a agricultura, principalmente voltado para a produção de hortifrutigranjeiros. Atualmente, esta mata original encontra – se reduzida à área de preservação, situada em local de difícil acesso, sendo que aproximadamente 98% do total do município já se encontram devastado (2007, p.22).

Com relação ao uso atual e cobertura vegetal, as atividades agrícolas definidas como antropismo, são caracterizadas como agricultura praticada em pequenas propriedades, de forma intensa, com predominância da fruticultura e horticultura. A maior parte do seu território está inserida na Bacia Hidrográfica do Rio Mamanguape e o restante da região na Bacia Hidrográfica do Baixo Curso do Rio Paraíba. O mapa hidrográfico do município demonstra que o mesmo é um formador de rio, uma vez que, nele existem nascentes e pequenos córregos que mais adiante formam rios, a exemplo do Mamanguape.

A bacia do Rio Mamanguape limita-se ao Norte com a bacia do Rio Curimataú e de Camaratuba, a Oeste, com as bacias do Curimataú e do Paraíba, ao Sul com a do Rio Paraíba e do Miriri, e a Leste com Oceano Atlântico. Seu principal rio é o Mamanguape regime intermitente, que nasce na microregião do Agreste da Borborema e desemboca no Oceano Atlântico no Município de Rio Tinto. Recebe contribuições de cursos d'água como os

Rios Guariba, Guandu, Araçagi, Mari, Saquiba e o Riacho Bloqueio. A bacia do Rio Mamanguape drena uma área que mede cerca de 3.522.69 km².

A região do Baixo Curso do Rio Paraíba situa-se na parte litorânea do Estado da Paraíba. Limita-se ao Sul com a sub-bacia do Gramame e com o Estado de Pernambuco, ao Norte com a bacia do Mamanguape e Miriri, a Oeste com a região do médio curso do Rio Paraíba e a Leste com o Oceano Atlântico. A seguir, é apresentada uma descrição da bacia hidrográfica do Rio Mamanguape e da bacia do baixo curso do Rio Paraíba, onde está inserido o município de Lagoa Seca.



Fonte: COPACNE, Prefeitura Municipal de Lagoa Seca.

Mapa 2: Mapa das bacias hidrográficas do município de Lagoa Seca

O município apresenta uma precipitação pluviométrica média de 900,00 mm por ano, sendo que as chuvas são irregulares temporalmente e espacialmente, com maior pluviometria nas fronteiras com os municípios de Alagoa Nova e Matinhas, nas demais fronteiras há um decréscimo nos índices pluviométricos. Porém, o município de Lagoa Seca apresenta clima de característica Tropical Quente e úmido, ou seja, ameno, apresentando temperatura média anual em torno dos 22°C. Os valores médios extremos variam entre mínimas de 17°C e máximas de 30°C. O período chuvoso concentra-se entre os meses de abril

e julho, totalizando uma precipitação pluviométrica anual média de aproximadamente 901,0mm. A seguir, discutiremos os aspectos socioeconômicos de Lagoa Seca.

1.3- Aspectos Socioeconômicos do Município de Lagoa Seca

Segundo o Plano Diretor Participativo (2000 p.63), a população do Município de Lagoa Seca é de 24.154 habitantes, apresentando uma densidade demográfica de 181,6 hab/km². Entretanto, no ano de 2004, a população aumentou para 25.997 habitantes, caracterizando este entre os municípios mais populosos do Estado. Sendo que do contingente populacional, cerca de 66,41% da população está na zona rural, o equivalente a 16.042 habitantes, e apenas 8.112 habitantes, 33,59 %, está na zona urbana, indicando um baixo índice de urbanização. Essa distribuição populacional se constitui pelo fato do município apresentar uma importância sobre as atividades agropecuárias, levando em consideração a vida econômica e social da população.

Com relação aos aspectos socioeconômicos do município de Lagoa Seca é importante ressaltar que as práticas agrícolas e pecuárias são o cerne da atividade econômica do município e, em seguida a atividade comercial. As propriedades agrícolas são minifúndios, exatamente apresentando o tamanho de 1 hectare e que são bastante exploradas.

Nesse cenário, as práticas agrícolas podem ser vistas como resistência da agricultura familiar, as quais se baseiam na pequena propriedade, na mão-de-obra familiar e em sistemas produtivos diversos, adaptados as condições locais e em redes regionais de produção e distribuição de produtos agrícolas. No que diz respeito à distribuição dos produtos, Lagoa Seca tem como importante apoio em suas relações econômicas a cidade de Campina Grande, visto que está localizada apenas 6 km deste centro urbano-industrial.

De acordo com Santos (2007), a comercialização da produção agrícola é realizada na EMPASA em Campina Grande e nas Feiras Livres e Agroecológicas das cidades de Esperança, Solânea, Lagoa Seca, Recife e Natal. Segundo dados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e da AS-PTA no que se referem às atividades agrícolas, o município é constituído por:

[...] (alguns verdureiros plantam flores), Região do Encontro dos Rios (criação de pequenos rebanhos), Região do município apresenta 6 diferentes regiões com atividades produtivas específicas: Região dos Roçados (mandioca, feijão e batatinha), Região das Verduras (alface, coentro, tomate, pimentão, repolho, cebolinha e alás Frutas (banana, tangerina e laranja-cravo), Região das Ladeiras (manga, jaca, banana, maracujá, caju, laranja, macaxeira e feijão) e a Região do Agreste (a maioria das terras são de

fazendas de gados e alguns poucos agricultores plantam mandioca, milho e feijão (SANTOS, 2007, p.160).

De acordo com a autora, ao longo dos anos o município se especializou na produção da agricultura familiar, visualizando um desenvolvimento sustentável como estratégia para valorizar as potencialidades de cada região e, elevando a dinâmica socioespacial da área agricultável do município, considerando a preservação de recursos naturais.

No próximo assunto, veremos como a agricultura ecológica influencia o meio ambiente e qual a sua importância para as sustentabilidades das atividades desenvolvidas pelas mulheres no meio rural.

2- AGRICULTURA ECOLÓGICA

2.1- Agricultura Convencional e os Desafios da Agricultura Ecológica

Nas últimas décadas, o debate sobre a questão ambiental vem sendo objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, proporcionando discussões sobre a degradação dos recursos naturais e dos impactos causados pela atividade humana. Em relação à agricultura, ao longo da história, o homem desenvolveu técnicas e instrumentos com intuito de controlar e dominar a natureza. O processo de modernização da agricultura objetivou alta produtividade e geração de índices de grande lucratividade. Isso acarretou diversas preocupações, principalmente a partir da Revolução Verde, a chamada “Green Revolution” que pode ser definida como:

Um processo de modernização da agricultura iniciado no pós Segunda Guerra Mundial, a qual houve uma substituição da utilização das leis naturais, pela utilização de produtos químicos (como agrotóxicos, fertilizantes, etc.) além de grandes quantidades de maquinários, com o objetivo de se conseguir expressivos aumentos de produtividade (EHLERS *apud* SILVA, 2007, p.34).

Uma das grandes transformações ocorridas na agricultura na década de 1950 foi resultado da implantação da chamada Revolução Verde – RV, cujo pacote tecnológico básico, se montou a partir das sementes de variedades de alto rendimento, o qual houve uma adoção de sistemas de cultivos que resultaram em significativos aumentos da produtividade, nos séculos XVIII e XIX, em diferentes regiões da Europa. Com o início da Segunda Revolução Industrial, ocorrida nos Estados Unidos no final do século XVIII e início do século XX, foram executadas descobertas tecnológicas, que até então, se concentravam no setor industrial e acabaram por atingir a agricultura, buscando a utilização de fertilizantes químicos e a mecanização das atividades agrícolas.

A adoção de inovações tecnológicas pela agricultura provocou uma permuta entre setor industrial e a agricultura, uma vez que, há uma dependência entre ambas, o setor industrial demanda máquinas e insumos agrícolas, enquanto a agricultura disponibiliza a sua matéria prima. Esse período marcado pelo processo de desenvolvimento tecnológico teve início nos países desenvolvidos, se expandido a partir da Segunda Guerra Mundial para vários países subdesenvolvidos, com a nomenclatura de Revolução Verde. Esse processo de inovação tecnológica chega ao Brasil no período de grande confronto político, entre governo regente e a população. Segundo Hespanhol:

No Brasil, a incorporação do pacote tecnológico da Revolução Verde, denominado de “modernização da agricultura”, se intensificou a partir de meados dos anos 1960, em pleno período de ditadura militar. Nesse contexto, os interesses da tríplice aliança formada pelo Estado, grandes empresas de capital nacional e internacional foram fundamentais para a consolidação desse processo (2008, p.119).

No ano de 1970, surgiram diversas implicações negativas referentes ao processo de modernização da agricultura brasileira, tais implicações diziam respeito ao agravamento de problemas ambientais, tais como: a contaminação dos recursos hídricos, do solo, dos alimentos produzidos e consumidos e também dos trabalhadores rurais adeptos as técnicas da agricultura convencional. Após uma década, no ano de 1980, o governo passou por uma grave crise de fiscalização, na qual o Estado brasileiro, o grande financiador do processo de modernização da agricultura, tornou-se incapaz de financiar todo este seguimento. Ainda na perspectiva de Hespanhol (2008):

A agricultura convencional, grande absorvedora de máquinas, implementos e insumos químicos, começou a ser duramente criticada pelos movimentos sociais e ambientalistas, os quais passaram a demonstrar a novidade do pacote tecnológico da revolução verde ao solo, a água, a atmosfera, aos animais e a própria saúde e bem-estar do homem. (p.121).

Nesse contexto, cabe ressaltar que o modelo de agricultura convencional derivado da Revolução Verde está em crise tanto no âmbito social como no ambiental, deve-se reconhecer também que é um período de transição que se perpetua numa conjuntura política, institucional e econômica, e como tal, coexiste tanto o modelo convencional de agricultura, responsável pela grande produção de alimentos, quanto o processo de formas alternativas de produção, que se apresenta em expansão. Os movimentos em torno de formas alternativas de agricultura em resposta a agricultura industrial, começaram a adquirir força com os primeiros sinais de esgotamentos da natureza, provenientes da expansão do modelo baseado nos agrotóxicos. Nesta área, portanto, existe uma construção com a intenção de alterar o espaço, no sentido de respeito à identidade de cada lugar. Portanto, Weid (2009, p. 56), enfatiza:

No Brasil, a modernização da agricultura ocorrida no período do regime militar só foi possível com subsídios que cobriam em média 50% dos custos de produção e de investimento em maquinário. Esse quadro durou até o começo dos anos 1980, quando a crise financeira do Estado e as pressões do processo de globalização eliminaram os subsídios, fazendo cair o consumo de insumos agroindustriais. Nos anos 1990 e no presente século, a forma adotada para subsidiar a agricultura convencional tem sido a de conceder anistias e refinanciamentos muito facilitados das dívidas dos grandes produtores, o que se traduziu em fortes injeções de recursos para os mesmos.

É neste período de crise Estatal que se tem maior significância com as formas alternativas de produção agrícola, empregando menos fertilizantes químicos e insumos, e como conseqüência, menos agressão a natureza. Partindo do pressuposto de que agricultura convencional acarretava consigo grandes males para a sociedade, surgiu à necessidade de implantar um novo modelo de agricultura, ou seja, a implantação de uma agricultura alternativa que tivesse como filosofia proposta, a preservação e o uso sustentável dos recursos naturais, e ao mesmo tempo, contribuísse para a segurança alimentar atual do Brasil e das futuras gerações. Dessa forma, a agricultura ecológica, se constitui em uma nova proposta baseada nas dinâmicas da natureza, preocupada com a aplicação direta de seus princípios na agricultura e no estabelecimento de novas formas de relação entre sociedade e natureza.

A adoção do modelo da chamada agricultura moderna, trouxe consigo impactos indesejáveis e muitas vezes incontrolláveis, seja pela forma como implantou esse processo, sejam pela natureza em si das tecnologias difundidas, especialmente no que se refere ao uso de insumos e dos tipos de manejo de solo. O modelo convencional baseado em monoculturas contribui para reduzir a biodiversidade e elevar os níveis de desmatamento. Gliessman lembra que:

Práticas da agricultura moderna estão degradando globalmente o ambiente, conduzindo a declínios na biodiversidade, perturbando o equilíbrio natural dos ecossistemas e em última instância comprometendo a base de recursos naturais da qual os seres humanos e a agricultura dependem (2001, p.45).

Observa-se que os diferentes enfoques conceituais da agricultura convencional concentram-se na produção e no aumento da produtividade, que acabam não enfatizando a qualidade e segurança dos produtos ofertados. A agricultura ecológica procura fugir desse

enfoque pautado na eficiência técnica e econômica, dando ênfase à conservação dos recursos naturais e a segurança alimentar. Esta idéia de aumento da produção agrícola associou-se de forma equivocada, relacionada a uma insuficiente produção de alimentos, acreditando que tal problema seria solucionado com um rápido modelo técnico dominante na agricultura. Em contrapartida ao crescimento da produção alimentar, o processo de industrialização da agricultura fez surgir inúmeros problemas ambientais, e os princípios ecológicos foram sendo ignorados. Mas, esses princípios atualmente são vistos de outra forma, existe uma intensa preocupação com os problemas ambientais, os quais vêm ganhando grande destaque no cenário mundial.

É importante ressaltar que de todos os setores da economia, a agricultura no seu processo produtivo está mais relacionado com o meio ambiente, meio ambiente esse que devido ao manuseio, ou seja, a forma que vem sendo explorado, sofrendo degradação pelas práticas agrícolas convencionais, tem colocado limitações ecológicas, as quais têm induzido os agricultores a buscarem novas alternativas de agricultura. Por outro lado, Silva (2007), argumenta que:

É inegável o crescimento da agricultura com princípios ecológicos nos últimos anos em todo mundo, estatísticas apontam que esse tipo de agricultura continuará crescendo, seduzindo e atraindo cada vez mais infinidade de novos adeptos, conscientes dos riscos provenientes dos produtos convencionais (p. 45).

Diante desse paradigma, a agricultura ecológica é vista como uma estratégia de inclusão social, um sistema que está conquistando um vasto número de adeptos sendo inseridos nesse novo modelo de agricultura, que se apresenta como o sistema alternativo de melhor referência e um maior equilíbrio na natureza. Debatendo sobre essa idéia de inclusão social, conforme Weid (2009, p.63), declara que:

Diante desse quadro, a revitalização da agricultura familiar com base nos princípios da Agroecologia é uma solução sustentável para a produção de alimentos, capaz de responder as demandas da população mundial em crescimento. Vale lembrar que, além de intensiva no uso de mão – de – obra, a agricultura familiar de base ecológica é intensiva no uso de conhecimentos e de capacidade de gestão dos ecossistemas. Nesse sentido, a clássica distinção entre trabalho braçal e atividade intelectual não se aplica a esse padrão de produção agrícola.

Deve-se reconhecer que a agricultura familiar apresenta uma participação ativa nesse modelo novo de agricultura de base ecológica. Neste sentido, são necessários maiores incentivos na criação de programas que garantam assistência técnica e a divulgação de informações aos produtores e aos consumidores sobre os benefícios da agricultura ecológica, criando alternativas de inserir a maior parte dos pequenos produtores rurais de pequenas propriedades nas políticas públicas, a fim de terem o acesso à renda, com o objetivo de atender as necessidades cotidianas.

Com relação ao modelo de agricultura, podemos afirmar que, vivemos num período de transição, a sociedade se depara com dois modelos de agricultura, o modelo convencional de agricultura, responsável pelo grande uso de maquinários e o modelo com as alternativas de produção agrícola, como a agricultura ecológica que se apresenta em expansão. Na agricultura ecológica o que se busca é o manejo dos recursos naturais renováveis sem extingui-los por completo, mantendo o equilíbrio da natureza. Apesar de que toda agricultura, seja ela ecológica ou convencional, acaba por interferir na natureza, porém, a agricultura ecológica apresenta um objetivo diferente, o de minimizar perturbações causadas nas áreas de produtividade do ambiente natural.

Esse novo modelo de agricultura terá que se desenvolver sem ampliar o processo de desmatamento, sem poluir os solos, as águas e, ainda deverá produzir alimentos saudáveis com qualidade, diversidade e em grande quantidade para acompanhar o crescimento demográfico do planeta. As principais diferenças entre a agricultura sustentável e a convencional podem ser visualizadas no quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Principais diferenças entre Agricultura Sustentável e Convencional

	Agricultura Sustentável	Agricultura Convencional
Aspectos Tecnológicos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Adaptam-se as condições regionais, aproveitando os recursos locais. 2. Atua considerando o agrossistema como um todo, procurando antever as possíveis conseqüências da adoção das técnicas. O manejo do solo visa a sua movimentação mínima, conservando a fauna e a flora. 3. As práticas adotadas 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desconsiderando-se as Condições locais, impondo Pacotes tecnológicos. 2. Atua diretamente sobre os Indivíduos produtivos, visando somente ao aumento da produção e da produtividade. 3. O manejo do solo, com intensa movimentação, desconsidera sua atividade orgânica e biológica.

	visam a estimular a atividade biológica do solo.	
Aspectos Ecológicos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Grande diversificação. Policultura e ou rotação. 2. Integra, sustenta e intensifica as Interações biológicas. 3. Agrossistemas formados por indivíduos de potencial produtivo alto ou médio e com relativa resistência as variações das condições ambientais. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pouca diversificação. Predominância de monoculturas. 2. Reduz e simplifica as interações biológicas. 3. Sistemas pouco estáveis, com grandes possibilidades de desequilíbrios. 4. Formado por indivíduos com alto potencial produtivo, que necessitam de condições especiais para produzir e são altamente suscetíveis as variações ambientais.
Aspectos Socioeconômicos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Retorno econômico em médio e longo prazo, com elevado objetivo social. 2. Relação capital\homem baixa. 3. Alta eficiência energética. Grande Parte da energia introduzida é produzida e reciclada. 4. Alimentos de alto valor biológico e sem resíduos químicos. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Rápido retorno econômico, com objetivo social de classe. 2. Maior relação capital\homem. 3. Baixa eficiência energética. A maior parte da energia gasta no processo produtivo é introduzida e, é, em grande parte, dissipada. 4. Alimentos de menor valor biológico e com resíduos químicos.

Fonte: Sistematizado por Carmo (1998)

Agricultura ecológica tem como referência uma agricultura menos agressiva ao meio ambiente, ao mesmo tempo proporciona melhores condições de segurança alimentar para os produtores e consumidores, pois esse modelo de agricultura também tem um caráter social, reduz os custos com a saúde da população, buscando a produção de alimentos mais saudáveis para produtores e consumidores.

Por outro lado, observa-se também que a agricultura convencional possibilitou o crescimento do sistema monocultor de produção, o desenvolvimento de uma única variedade agrícola em latifúndios, implicando em constantes intervenções antrópicas, como a utilização de mecanização e insumos químicos. Mas, é bom lembrar que, estes insumos trazem resultados satisfatórios apenas temporariamente, os prejuízos ambientais e sociais são mais significantes, podendo implicar no processo acelerado de degradação do solo, ocorrendo

perda de terras agricultáveis, numa redução da biodiversidade, contaminação dos recursos hídricos, do homem e dos alimentos provenientes dessa produção. Assim:

O uso indiscriminado de adubos químicos e de inseticidas, a fim de provocar um crescimento da produtividade, defendido e elogiado pelos economistas rurais marginalistas constitui-se uma verdadeira calamidade não só porque provoca à produção de alimentos ofensivos a saúde da população, como também, dissolvida pela água das chuvas e levados aos rios degradam as águas dos mesmos, provocando a mortandade dos peixes e a poluição dos depósitos utilizados para o abastecimento das cidades [...] (ANDRADE 1979 *apud* SILVA 2007, p.36).

Nesta linha de pensamento, discutiremos no texto a seguir a sustentabilidade e a compreensão das questões de gênero no meio rural.

2.2- Gênero e a Sustentabilidade no Mundo Rural

Para um melhor entendimento sobre gênero e a sustentabilidade no mundo rural, foi necessária uma breve exposição histórica do tratamento dado as mulheres na sociedade, do conceito de gênero, e por fim, especificamente, a discussão de qual era o papel desempenhado pela mulher na sociedade rural e as transformações deste ao longo dos anos.

Na sociedade grega, as mulheres ocupavam posições semelhantes a dos escravos, executando trabalhos que eram extremamente desvalorizados pelo resto da sociedade, principalmente pelo homem livre. Nos primeiros séculos da Idade Média, antes dos princípios da Legislação Romana ser reintroduzidos, as mulheres tinham direitos que eram garantidos por lei e pelos costumes. Desse modo, podiam exercer todas as profissões, as burguesas participavam de assembléias e tinham direito a voto.

Com o freqüente afastamento dos homens para as guerras, viagens ou para o recolhimento monástico, as mulheres assumiam os negócios tendo que entender de legislação, contabilidade além de ter que se defender em juízo, caso fosse necessário.

As mulheres também adentravam nas corporações de ofício, e atuavam como aprendizes e eventualmente como mestras, no caso da morte do marido. Conforme as estudiosas:

O acesso às corporações significou também a possibilidade de receber instrução profissional, direito que ela viria a perder nos séculos posteriores e que seria uma de suas bandeiras de luta. A ascensão da mulher ao cargo de mestre sofria, no entanto, restrições. Assim, ela só poderia ocupá-lo

quando viúva, pelo período de um ano em alguns burgos, ou, em outros, enquanto não tivesse relações sexuais com outros homens (ALVES, PITANGUY 1985, p.17).

Na Idade Moderna, diante do quadro de discriminação, a mulher não deixou de trabalhar, embora a mão-de-obra feminina tenha tido menor valor que a mão-de-obra masculina. Com a consolidação do Sistema Capitalista e, diante da introdução da máquina nas fábricas, o contingente feminino aumentou, e, junto com os homens as mulheres sofreram uma super exploração.

No período da Segunda Guerra Mundial, em que se fez necessário que os homens fossem para a frente de batalha, há uma valorização da participação da mulher no mercado de trabalho, principalmente em países como a Inglaterra e Estados Unidos da América, modelo esse que logo foi modificado com o final da II Guerra. Portanto, ainda de acordo com as estudiosas:

É com o final da guerra e com o retorno da força de trabalho masculina, que a ideologia, que valoriza a diferenciação de papéis por sexo, atribuída à condição feminina o espaço doméstico, é fortemente reativada, no sentido de retirar a mulher do mercado de trabalho para que se desse o lugar aos homens. As mensagens veiculadas pelos meios de comunicação enfatizam a imagem da “rainha do lar”, exacerbando-se a mistificação do papel da dona de casa (ALVES, PITANGUY 1985, p. 50).

As necessidades dos tempos de guerra trouxeram as mulheres ao espaço público e conseguiram superar alguns hábitos arraigados no decorrer dos séculos, conseguindo superar algumas transformações sociais. Na ausência dos homens, a sociedade civil abriu espaço para as mulheres que passaram a adentrar as fábricas, o comércio, a agricultura e os setores de produção. Esse foi um dos fatores que contribuíram com os primeiros passos para a emancipação feminina.

As necessidades dos tempos de guerra trouxeram as mulheres ao espaço público e conseguiram uma parcela do espaço público. Por isso, procuraram, mediante o conhecimento e o trabalho, adequar-se as normas sociais e ao mundo novo que se descortinava e principiava a selecionar os mais preparados. Possuidoras de saberes domésticos e privados sobre o mundo dos homens desejavam o saber público, mesmo derivado do saber masculino

e referendado com seu selo oficial. Esse saber público tornava-se a via de acesso ao poder e era passível de confronto com os sistemas de desigualdade e de opressão (ALMEIDA, 1998 p. 39).

No século XX, as mulheres conseguiram através de vários movimentos o direito de votar e serem votadas, ingressar no mercado de trabalho e em instituições escolares. A luta ao longo dos séculos trouxe várias conquistas, e, hoje o conceito de gênero surge nas universidades no contexto da pesquisa sobre mulheres, as quais com olhares feministas sentem a necessidade de formular concepções que permitam diferenciar e, ao mesmo tempo, equiparar as relações entre os gêneros. Discussões em torno do que as mulheres tinham de natural, igual, usada como desculpas em épocas e culturas diferentes, em uma verdadeira construção social de papéis atribuídos historicamente, passam a dar lugar a uma série de produção de equidade de gênero, fazendo uma análise de processos sociais mais amplos que marcaram e discriminaram a mulher durante muito tempo. Assim o conceito de gênero engloba.

O conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e lingüística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção dessas distinções – biológicas comportamentais ou psíquicas – percebidas entre homens e mulheres (MEYER, 2003 p.17).

Mesmo com o avanço dos estudos de gênero, os estudiosos reconhecem que ainda há uma privação no cotidiano das mulheres, as quais continuam com restrição de acesso aos recursos produtivos, na busca pela autonomia econômica, com diferenças fisiológicas e sociais entre homens e mulheres determinando funções no âmbito social e no mundo do trabalho.

Gênero é compreendido por essas organizações como relações históricas e culturalmente construídas entre homens e mulheres. Essas relações estão estreitamente vinculadas às questões de poder em suas mais variadas formas (submissão – opressão, dependência econômica, política, psicológica, baixa auto – estima). O desafio posto é a construção de relações entre homens e mulheres mais igualitárias, equilibradas e justas (BRANCO S/A, p.09).

Diante dessa definição, pode-se perceber que a natureza define dois sexos masculinos e femininos, com características físicas e biológicas diferentes, cabe a sociedade atribuir significados entre os sexos dependendo da educação, da cultura, e dos costumes de uma determinada sociedade, uma vez que, o sexo não muda, mas sim as atitudes de homens e mulheres que é historicamente e culturalmente determinada pela ação do tempo, ou seja, é a sociedade que elabora a construção e orienta a socialização de ambos os sexos. Segundo Almeida:

A utilização do gênero nas análises que abordam o temário feminino, apenas recentemente, em meados dos anos 70, passou a ser considerada cientificamente no meio acadêmico, estando explicitamente associada com os conceitos de raça e classe social. A necessidade de pensar o feminismo de uma perspectiva teórica motivou pesquisadores a introduzir o conceito de gênero como categoria científica que, por sua vez, levou a elaboração de novos conceitos sobre as relações de poder (1998, p.39).

Particularmente, acredita-se, ou entende-se que gênero é uma construção social, não existindo modelos de feminino e masculino puros, mas sim relações de gênero construídas pelas contradições presentes na sociedade. Nos anos de 1970 e 1980 observou-se que as mulheres viviam uma condição de acesso muito diferente dos homens, buscavam ferramentas políticas para incluir-se na sociedade. A perspectiva feminista permite, por parte das mulheres, a apropriação de uma consciência crítica e política, permitindo o entendimento de que a desigualdade só será superada se forem abolidas as divisões sociais de gênero na sociedade. Ao longo da história, as mulheres buscaram formas de resistência a opressão, foi então que surgiram movimentos, a exemplo do movimento feminista, que podem ser visto como um movimento social que se dedica a desvendar a história de subordinação das mulheres aos homens.

A introdução da mulher na agricultura, especificamente na agricultura ecológica, vem sendo objeto de estudo, gerando discussões em torno da construção política da visibilidade do trabalho e dos direitos atribuídos às mulheres. Nesse contexto, sendo o nosso objeto de estudo a mulher no meio rural, mais especificamente na agricultura ecológica, detalharemos o novo cenário ecofeminista que começou a se delinear e a repercutir nos últimos anos. No início dos anos 2000 elas passaram a exigir do próprio Estado, da sociedade

e dos movimentos sociais, uma reflexão sobre o papel que lhes foi destinado no meio social político e rural.

A partir desse momento, as mulheres rurais tomam como parte os movimentos rurais e sociais do campo e começam a desenvolver eventos públicos a fim de mostrar suas insatisfações sociais como uma força política para levantar novas questões e, apontar a visibilidade de um modelo que garantisse seu modo de conciliar sua vida pessoal com a militância política, uma vez que, o trabalho e a família estão estreitamente vinculados. Em suas discussões elas emergiam questões visivelmente vinculadas com o campo ambiental. A partir do reconhecimento dessa realidade proposto pelas mulheres ficou claro que elas estavam construindo um novo modelo, buscando integrar os campos do feminismo com a sustentabilidade ambiental. Portanto, conforme a estudiosa:

Após muitas décadas de mobilização e articulação das mulheres rurais em torno do reconhecimento da sua profissão, do direito a sindicalização e da garantia de sua autonomia financeira e produtiva, elas começam a identificar e a denunciar as diversas formas de violência também dentro das famílias rurais, que muitas vezes não é percebida como tal: a proibição de ir a uma reunião; a falta de espaço na família para discutir as questões estratégicas da produção; a falta de acesso ao gerenciamento da propriedade, ao uso dos recursos comuns (tais como a terras, os instrumentos de trabalho, os recursos financeiros, etc.). Para muitas delas, a militância agroecológica foi o espaço onde se deu o seu aprendizado político (SILIPRANDI 2009, p.140).

Torna-se visível um olhar ecofeminista sobre as lutas por sustentabilidade no mundo rural, surge uma preocupação com a segurança alimentar e a degradação ambiental e elas começam a traçar caminhos de mudanças na construção de um trabalho que visam colocar em prática. O conceito de ecofeminista pode ser definido como uma teoria que busca associar a opressão que a humanidade exerce sobre a natureza e a forma desigual com que os homens tratam as mulheres. Esse movimento surgiu no final dos anos de 1970, através das ecofeministas européias e norte-americanas, reivindicando posturas que orientavam os seres humanos com relação ao meio natural. Ainda a estudiosa:

O feminismo chegou aos temas ecológicos já nos anos 60 do século passado. Esse não foi um encontro fortuito. Havia muitos elementos em comum entre a crise ambiental, que se avizinhava com o avanço da industrialização e da urbanização, e a percepção dos movimentos feministas sobre o lugar

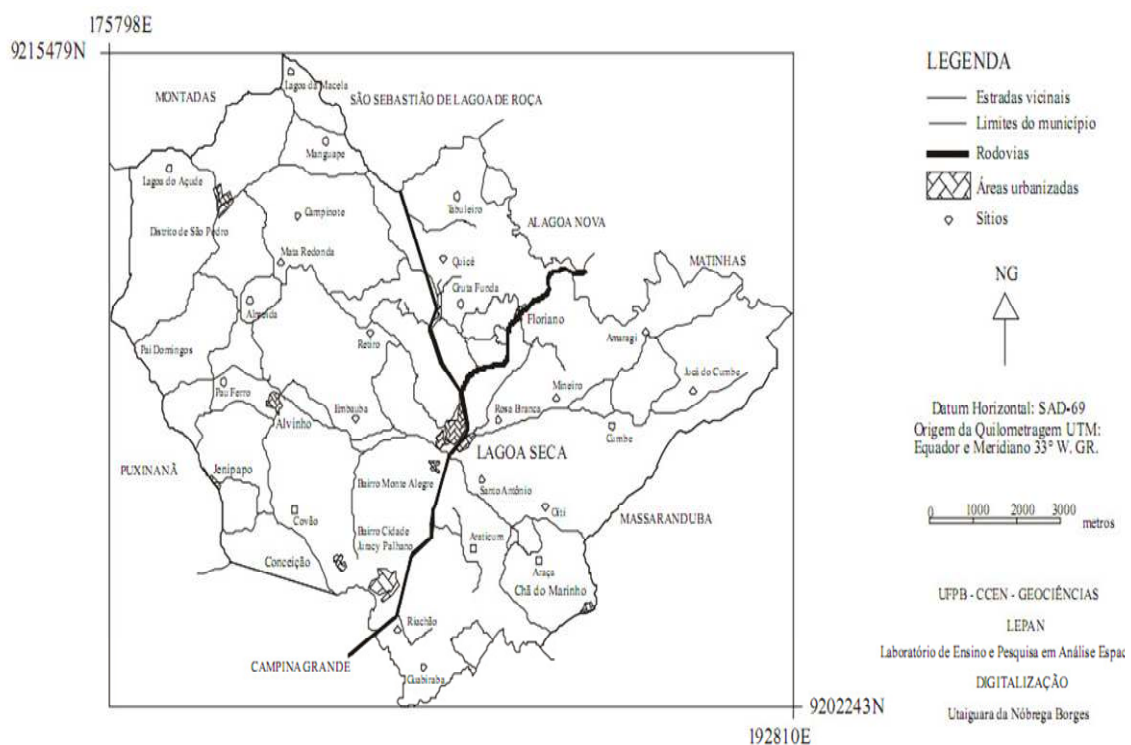
destinado as mulheres nessas sociedades emergentes. Os problemas decorrentes das guerras e do militarismo e a consciência da exclusão das mulheres do mundo público trouxeram a tona que a sua opressão se reproduzia em outras esferas, inclusive e, sobretudo, nos lares. (SILIPRANDI, 2009, p.141).

Contudo, compreende-se que foi através de movimentos como estes e outros, que as mulheres conseguiram e ainda estão conseguindo sua emancipação, em busca de melhores condições de vida. A seguir as discussões sobre os dados da pesquisa, descrevendo a atuação das mulheres no Sítio Floriano da cidade de Lagoa Seca.

3- A ATUAÇÃO DAS MULHERES NA AGRICULTURA ECOLÓGICA DO SÍTIO FLORIANO

3.1- Processos Históricos e Geográficos do Sítio Floriano

Dentre os 30 sítios que compõem a zona rural, destaca-se o Sítio Floriano, localizado na parte Norte do município de Lagoa Seca, conforme a descrição do mapa a seguir:



Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca, 2011.

Mapa 03: Circunscrição do limite administrativo, estradas e espaços urbanizados do município de Lagoa Seca, PB.

Situado no município de Lagoa Seca, o Floriano é um povoado que não apresenta nenhum registro histórico, desta forma, o processo histórico foi com base na tradição oral. De acordo com os relatos expostos, esteve neste lugar um homem cujo nome era Floriano, o qual localizou a primeira fonte de água potável da localidade, onde surgiu a primeira “cacimba” (Poço cavado até um lençol de água), que foi chamada de “olho d’água de Floriano ou cacimba de Floriano”. O povoado surgiu inicialmente com o nome de Chã do Floriano e, posteriormente, passou a ser denominado apenas de Floriano. A partir deste acontecimento, a região passou a ser chamada de Povoado Floriano e essa nomenclatura se perdura até os dias atuais.

A economia do local surgiu com base na agricultura familiar. O sítio Floriano é conhecido como a região das frutas, além de atividades como a pecuária, como rebanhos bovinos, ovinos e caprinos que, se alimentavam das pastagens naturais e de mananciais de água do local. Aos poucos o povoado foi desenvolvendo-se e, na década de 1940, já havia uma delimitação do território, o qual ficou determinado desde a saída de Lagoa Seca até a divisa com o município de Alagoa Nova, toda esta área denominada de Sítio Floriano.

Aos poucos o local passou a se desenvolver e a adquirir recursos públicos administrados pela prefeitura de Campina Grande, principalmente na gestão do prefeito Severino Bezerra Cabral, que entre 1959 e 1963, trouxe energia elétrica, telefone e a construção do Grupo Escolar Anita Cabral. Além do comércio que contribuiu para a evolução do local. Atualmente o povoado possui uma rua principal, a qual é denominada de Chã que é a PB 097 proporcionando o acesso aos municípios de Alagoa Nova e Matinhas.

Encontra-se no Floriano uma Igreja Católica, pertencente à Paróquia de Lagoa Seca, nesta pequena Igreja as celebrações eucarísticas ocorrem uma vez por mês. Além da Igreja Católica, há uma Igreja Evangélica, os cultos acontecem três vezes por semana e o número de seguidores é pequeno. Funciona um posto de saúde, onde há médicos três vezes por semana, nas quartas-feiras é o dia reservado para as gestantes, já que no povoado encontram-se muitas jovens grávidas. Nos finais de semana a diversão são os bares conhecidos, não só pelos moradores, mas também por pessoas de sítios e cidades vizinhas. Exposto as características físicas do local, segue as discussões descrevendo a atuação das mulheres na agricultura ecológica do Sítio Floriano em Lagoa Seca.

3.2- A Atuação das Mulheres na Agricultura Ecológica do Sítio Floriano

No ano de 1992, deu início o trabalho com o aproveitamento de terras, com “os arredores de casa” desenvolvidos por mulheres, contando com agricultoras apenas da localidade, mas logo outras mulheres de territórios circunvizinhos já estavam engajadas. Ao mesmo tempo em que introduziam mudanças no modo de produção, as mulheres passaram a experimentar transformações em sua vida cotidiana, levando-as aos questionamentos do modelo agrícola e social, revelando-se como sujeitos políticos.

As experiências vividas por mulheres mostraram que elas exercem um papel de liderança, desafiam a construção da autonomia econômica, o reconhecimento e a valorização na condição de agricultoras. Elas desenvolvem um trabalho na forma de agricultura ecológica e trabalham com práticas de aproveitamento de terras, onde elas utilizam o espaço que fica aos “arredores de casa”. Neste espaço existe o cultivo de hortaliças, frutíferas e plantas

medicinais que são cultivados na forma de canteiros econômicos e agroecológicos. As mulheres também apresentam uma criação de animais como caprinos, suínos e aves, conforme os registros a seguir:



FONTE: CASTRO, Jucyeli Pereira. Trabalho de campo. 02.07.11

FIGURA 1: Canteiro econômico produzido por agricultora ecológica



FONTE: CASTRO, Jucyeli Pereira. Trabalho de campo. 02.07.11

FIGURA 2: Criação de galinhas em tela

As agricultoras que participam da Comissão de Mulheres realizam atividades mensalmente, com intercâmbios locais e regionais. Os principais objetivos da sistematização dos intercâmbios é relatar as experiências vividas pelas mulheres, dar visibilidade as experiências promovidas com os “arredores de casa”, aprimorando a capacidade e refletindo sobre suas próprias experiências, reconhecendo sua própria história. Assim como foi expresso por uma das mulheres que faz parte do grupo, uma agricultora que se dedica a criação de aves, caprinos e suínos, e que foi capaz de reescrever sua própria história contando um exemplo de trabalho e superação:

Minha vida melhorou muito depois que entrei no grupo de mulheres, me sinto mais valorizada como mulher e agricultora. Adquiri experiência, na verdade é uma troca de experiência com as minhas colegas do grupo, melhorou minha auto-estima, sem falar que depois que conheci o trabalho do Sindicato aumentei a criação de galinhas e ovos também que vindo na cidade (Agricultora da Comissão de Mulheres, Paraíba).

As mulheres relataram que, ao sistematizarem suas experiências, se sentiram mais valorizadas, esta prática propiciou visibilidade ao seu trabalho, como também a participação nos espaços públicos, em Associações, Sindicatos e Movimentos. A elevação auto-estima é uma das principais conquistas destacadas pelas mulheres, pois as mesmas além de desempenhar os afazeres de casa, ganham confiança para sair do espaço doméstico e ocupar espaços antes destinados apenas aos homens, elas acabaram por conquistar a sua inclusão no planejamento produtivo da propriedade, trabalhando com os “arredores de casa”. Conforme mostra o registro a seguir:



FIGURA 3: Intercâmbio no Sítio Amaragi

Quanto à renda obtida pelas mulheres, de acordo com as mesmas, houve melhorias no âmbito econômico, uma vez que, os recursos são destinados a suprir necessidades domésticas, como roupas, calçados e material escolar para as crianças. Além das visitas de intercâmbio, ocorre uma vez por mês no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca, uma reunião com a Comissão de Mulheres para produzir uma avaliação das visitas de intercâmbio, bem como discutir todo o planejamento que é realizado nos dias posteriores, no qual é posto todos os projetos que serão aplicados, conforme mostra o registro fotográfico a seguir:



FONTE: CASTRO, Jucyeli Pereira. Trabalho de Campo. 13.01.10

FIGURA 4: Reunião no Sindicato com a Comissão de Mulheres

De acordo com a Coordenadora do Grupo Comissão de Mulheres:

Nós realizamos essa reunião mensalmente com objetivo de reunir as mulheres que fazem parte do grupo para fazemos uma avaliação do foi colocado para ser elaborado durante o mês e como também o que vai ser colocado em prática no mês posterior, como por exemplo, fazemos uma avaliação das visitas de intercambio, o que foi que aprendemos durante a visita na propriedade, o que foi observado. Então é um espaço onde trocamos idéias, conhecimentos, novidades e a agenda da programação de todos os eventos que vão ter como seminários, congressos, mini-cursos ou

intercâmbios qual propriedade será realizado, ou se será em outros municípios (Coordenadora do Grupo Comissão de Mulheres).

As agricultoras consideram que o roteiro proposto pelas reuniões contribui para aprofundar o olhar sobre alguns temas relacionados ao cotidiano das mesmas, como a divisão das tarefas, autonomia, bem como enfocou a importância do resgate da história e trajetória de vida das mulheres, enfatizando a valorização da mulher no campo, permitindo a aproximação e o diálogo entre elas. As mulheres do Sítio Floriano apresentam e expõem suas experiências vividas, há uma troca de conhecimentos e práticas. O primeiro passo do trabalho organizado pelas agricultoras é a observação da propriedade, o que é denominado pelas mesmas, como citado acima, de intercâmbio. O segundo passo é a apresentação de trabalhos e exposição de idéias expostas nas reuniões que ocorrem no Sindicato. E o terceiro passo é a orientação de técnicas passada para as agricultoras, conforme mostra o registro a seguir:



FONTE: CASTRO, Jucely Pereira. Trabalho de campo. 25.03.11

FIGURA 5: Seminário sobre a valorização da mulher no campo

Os instrumentos utilizados pela Comissão de Mulheres são muito diversificados, tais como: intercâmbio, ou seja, visitas, confecção de murais, oficinas e entrevistas. As atividades praticadas com “o arredor de casa” são: canteiro econômico com hortaliças ou plantas medicinais na forma de produção agroecológica, a criação de aves, suínos e caprinos. Além disso, o Grupo de Mulheres conta com o apoio da AS-PTA, Pólo Sindical da

Borborema e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. A Comissão de Mulheres recebe a apoio também de outros programas, como o Programa Petrobrás Ambiental - Agroecologia na Borborema com o tema: Aproveitamento da água, um projeto desenvolvido pelo Sindicato, AS-PTA e o Pólo Sindical.

Outro Programa de benefício foi o programa: Uma terra e duas águas significam uma terra, uma água de tomar e uma água para a produção. Esses programas foram criados pelo Governo Federal, financiado pelo Governo Espanhol e Brasileiro, com participação do (MDS) Movimento do Desenvolvimento. O município foi beneficiado com 22 cisternas calçadão, na qual 11 cisternas calçadão foram para o Sítio Floriano, beneficiando às mulheres e suas famílias, já que a implantação do programa foi elaborada com o objetivo de melhorar a vida das agricultoras.

Sendo assim, o processo de sistematização de experiências com “os arredores de casa”, protagonizadas por mulheres, contribuiu para o aprofundamento da reflexão sobre a questão agroecológica e para a desconstrução e construção dos papéis socialmente atribuídos a mulher do campo, possibilitando maior visibilidade ao papel desempenhado por elas, como também, o aprofundamento da discussão sobre a incorporação e valorização da autonomia financeira e política, fortalecendo a capacidade de refletir sobre suas próprias experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as afirmativas expostas no trabalho, observa-se que, a prática aplicada pelas agricultoras no Sítio Floriano do município de Lagoa Seca tem se constituído em uma resposta ao modelo convencional da agricultura familiar, uma vez que, o modelo convencional apresenta como base o sistema patriarcal, ou seja, o homem como detentor de toda produção agrícola, de toda autonomia econômica, enfim, de todo o poder de decisão. A invisibilidade do trabalho das mulheres na agricultura familiar está vinculada as formas como se organiza a divisão sexual do trabalho e de poder nessa forma de produção, em que a chefia familiar e da unidade produtiva é socialmente outorgada pelo homem.

Sendo assim, o modelo de produção agrícola desenvolvido pelas mulheres se apresenta como um diferencial, porque são práticas que conseguiram intervir e modificar seu espaço de produção. As agricultoras ganharam território, adquiriram maior poder de decisão com relação ao trabalho propiciado, mostrou um âmbito de reflexão sobre as questões políticas de redistribuição no que diz respeito à equidade no acesso produtivo, a busca pela autonomia econômica e a valorização na condição de mulheres do meio rural, bem como reconhecimento, pois houve visibilidade do seu trabalho com participação no espaço público local e regional. Desta forma, o trabalho com os “arredores de casa”, tem constituído para essas agricultoras em uma ferramenta de transformação social no campo.

Observa-se que as agricultoras vêm sendo beneficiadas com programas do Governo Federal, como também financiamento estrangeiro do Governo Espanhol juntamente com o MDS (Movimento do Desenvolvimento), em prol do desenvolvimento local através do apoio de entidades como Sindicato dos Trabalhadores Rurais, AS-PTA (Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa) e Banco do Nordeste, objetivando assessorar e melhorar a vida das mulheres. As entidades citadas utilizam meios eficazes como aplicação de Seminários, Mini-cursos, e Congressos que dispõem de treinamentos para as agricultoras, possibilitando uma troca de conhecimentos e técnicas, já que as mesmas já apresentam uma forma de produzir, aprimorando apenas suas técnicas produtivas.

Por fim, foi possível observar que o processo de sistematização com “arredores de casa” desenvolvida pelas agricultoras no Sítio Floriano, Zona Rural do Município de Lagoa Seca, gera espaços de auto-reflexão, uma vez que, são espaços propiciados a discussões e troca de experiências entre elas e como também a permuta entre as agricultoras e os técnicos, no qual proporciona a construção de referenciais locais para a organização política e

produtiva, contribuindo tanto para a conscientização do seu trabalho quanto para o seu reconhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

BARBOSA, Íris do S, ANDRADE, Leonardo A. de, ALMEIDA, José A. P. De. **Zoneamento agroecológico do município de Lagoa Seca-PB**. Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental. Campina Grande, n 5, v. 13, p. 623-632, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 02 de setembro de 2011.

BRANCO, Telma Castelo. **Gênero, Segurança Alimentar e Agroecologia no Semi-árido Nordeste**: as experiências do programa meios de vida sustentáveis da OXFAM no Nordeste. S/A.

GLIESSMAN, Steem R. **Agroecologia: processos em agricultura sustentável**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

HESPANHOL, Rosângela Ap. De Medeiros. **Agroecologia: limites e perspectivas**. IN: ALVES, Adilson Francelino, CARRIJO, Beatriz Rodrigues, CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa (Orgs.). **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e Educação: teoria e política**. IN: LOURO, Guacira Lopes & GOELNNER, Jane Felipe Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SANTOS, Elisângela Jerônimo dos. **Tarimba: aspectos históricos e culturais de Lagoa Seca (1929-1969)**. Bauru, SP: Canal 6, 2007.

SILIPRANDI, Emma. **Um olhar ecofeminista sobre as lutas por sustentabilidade no mundo rural**. IN: PETERSEN, Paulo (org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

SILVA, João Paulo de Amarin. **Agricultura familiar e práticas agroecológicas no Sítio Pau Ferro em Lagoa Seca-PB**. Trabalho de Monografia apresentado a Universidade Estadual da Paraíba no ano de 2007.

PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO: **Cooperativa de Projetos Assistência Técnica e Capacitação do Nordeste LTDA- COOPACNE**. Lagoa Seca, PB, 2010.

WEID, Jean Marc Von Der. **Um novo lugar para a agricultura**. IN: PETERSEN, Paulo (org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

APÊNDICE

MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AS MULHERES
VARIÁVEL: SOCIOECONÔMICO NO SÍTIO FLORIANO
FONTE: CASTRO, Jucyeli Pereira. Trabalho de Campo. 06.09.2011

I – Localidade onde mora: _____

II- Atividades praticadas: _____

III - Há quanto tempo você vive na agricultura? _____

IV O que fez entrar para o grupo?

1- Qual a sua idade?

até 20 21 a 30 31 a 40 41 a 50 51 a 60 61 ou mais

2- Qual o seu nível de escolaridade?

ensino fundamental incompleto ensino fundamental completo

ensino médio incompleto ensino médio superior não possui

3-Você acha que houve mudança na sua vida depois de fazer parte do grupo de mulheres?

sim não

4-As atividades propiciam geração de renda e autonomia financeira, como você avalia o lucro desta atividade?

péssimo ruim regular bom ótimo

5-Quanto as transformações no que diz respeito a relação com o marido?

péssimo ruim regular bom ótimo

6-Você acha que houve conquistas de direitos a partir destas atividades praticadas?

sim não

7- Você vive somente da agricultura?

sim não

8- Como você avalia a infra-estrutura do município para a sua produção para sua produção?

péssima ruim regular boa ótima